

# Entrevista



TICIANO

A Vénus de Urbino, C.1538, Óleo sobre tela, 119x165cm, Florença, Galleria degli Uffizi.

"Esta Vénus de Ticiano não está representada adormecida, a sua cabeça está voltada para o espectador que ela olha de modo atento. Isto instaura a "unidade exterior" entre a figura do quadro e o espectador. O anel no dedo mínimo da mão esquerda, as rosas entre os dedos da mão direita e o bracelete contribuem para fazerem com que esta mulher apareça como pertencendo plenamente à realidade. O nome "Vénus" assenta num mal-entendido. Trata-se de uma bela cortesã a quem as criadas prepararam os vestidos em plano de fundo."

# A Contemplação da Palavra

Teresa Vergani - Universidade Aberta (Lisboa)

Entrevista realizada por Gustavo Castro e Silva<sup>1</sup>

Maria Tereza Vergani de Andrade é uma livre-pensadora nada comum. Matemática, teóloga, educadora, poeta, antropóloga e artista plástica de traços enigmáticos, de cores fortes, ela utiliza-se da palavra com rara maestria. Familiarizada tanto com a prosa quanto com a poesia, tanto com a frieza da descrição científica quanto com o calor do verso, tem livros publicados nos mais variados campos em que dialoga. Conta histórias sobre o zero e o infinito (*O zero e os infinitos: uma experiência de antropologia cognitiva e de educação matemática intercultural*", Lisboa, Minerva, 1991), recolhe experiências por todo o planeta (Índia, China, África, Europa e Brasil) em que os símbolos, os provérbios e as narrações ganham o olhar atento e metucioso desta portuguesa, nascida em Lisboa, com doutorado em Genebra (1982) e pós-doutorado pela Universidade de Londres (1990). Algumas de suas publicações neste sentido são: *Ao perto e ao longe: o lugar e as viagens*, Santarém, ESE, 1990; *Excrementos do sol: a propósito de diversidades culturais*, Lisboa, Pandora, 1995; *Apontamentos sobre o sol e seus símbolos*, Centro de Ciência Viva do Algarve, 1997; *Pensamento racional e pensamento simbólico: uma matriz uni-dual de cognição transdisciplinar e holística*, Lisboa, Universidade Aberta, 1998. É também uma das precursoras no planeta do estudo da etnomatemática (*A Etnomatemática: um campo desconhecido de abordagem cultural*. Lisboa, Universidade Católica, 1996). Junto ao rigor científico que marcam as suas pesquisas, sobressai a genialidade de sua econômica e iluminada poesia: *A cor é o nome que a luz dá a pele das coisas*. Poesia que evoca simultaneamente sabedoria, inteligência e sensibilidade: "[...] Enquanto os homens correm, as árvores crescem". Citando o poeta João Moreira Vaz Nogueira, durante uma conferência, reafirma o que lhe parece

ser uma profissão de fé, ou antes, uma convicção poética: "*O meu entendimento é o meu caminho. Nós somos o que deixamos em vasos verdes*". Por três anos ela foi consultora da Unesco em países africanos de língua portuguesa. Lecionou nas universidades de Genebra, Lausana, Luanda e Lisboa. Atualmente é professora da Universidade Aberta (Lisboa) e reside em Estoril. Em maio de 2001, Teresa esteve na UFRN por vinte dias para conhecer a produção e as atividades acadêmicas do Grupo de Estudos da Complexidade. Aqui em Natal ministrou um curso pela Pós-graduação em Ciências Sociais e em Educação sobre "Pensamento simbólico e racional". Essas atividades faziam parte do seu programa de semestre sabático.

*G. C. S.: Tereza, você destacou que para os povos pré-hispânicos a palavra era considerada uma consciência, isto quer dizer que, para eles, ela é dotada de uma racionalidade própria, fundada na sua simbologia e força evocativa? O que isso quer dizer, que o saber mais íntimo é a palavra? Que realidade lhe parece a palavra?*

*T. V.:* Nas culturas pré-hispânicas a palavra era considerada um sexto sentido que se acrescentava ao sabor, odor, tacto, ouvido e vista. Não era, pois, enfocada tanto no plano da racionalidade como no plano sensorial: faculdade profundamente enraizada no mundo íntimo do sentimento, da sensibilidade e do afecto e diretamente vocacionada a expressão/comunicação/comunhão humanas.

1. Jornalista, professor da Universidade Potiguar (UnP), pesquisador do GRECOM, doutorando em Ciências Sociais na PUC/SP, co-organizador do livro *Ensaio de Complexidade* (Sulinas), 1997. E-mail: guganiza33@hotmail.com

Em certas correntes tradicionais do pensamento oriental (nomeadamente nas antigas filosofias indianas e tibetanas) o homem é olhado segundo três dimensões interactivas essenciais (ou três corpos unificados):

- o que corresponde ao mundo físico/material/corpóreo, pelo qual se manifesta como ser-no-mundo;

- o que corresponde ao mundo mental/cognitivo/imaterial, pelo qual ele desenvolve o seu itinerário singular de consciência;

- o que se situa, por assim dizer, entre o corpo e o espírito, pelo qual o homem dá a conhecer a relação que tece entre o mundo e a sua própria consciência; em sânscrito, é chamada SAMBOGAKAYA, e esta palavra é traduzida literalmente por "corpo de exultação".

O som, a voz, a fala, surgem assim à maneira de canto, de júbilo, de coreografia que caracteriza a vibração única do sujeito que toma a palavra e se revela ao pronunciar-se. Sinto-me muito próxima desta concepção de palavra enquanto CORPO SINGULAR DE EXULTAÇÃO. Pessoalmente, gosto de olhar o homem como palavra, isto é, COMO UMA VOZ DE PÉ NO MUNDO. Como diz Mia Couto, "cada homem é uma língua". De facto, o tom, o ritmo, a entoação, a intenção daquele que fala revelam um universo pessoal e único, a palpitar no seio do UNIVERSO feito de todos os possíveis.

O fato de a palavra se parecer ao saber íntimo, vem justamente da nossa aprendizagem "matricial" da língua. A criança cresce lidando com a palavra, descobrindo-a e usando-a cada vez com maior mestria. Desde muito cedo a criança se torna o sujeito desta primeira relação cognitiva que estabelece entre a "coisa" e o "som" (ou o nome da coisa).

É neste sentido que creio ser a língua o nosso primeiro e mais profundo sistema de conhecimento, ou de representação codificada. Surge assim como o nosso SABER ÍNTIMO primordial, simultaneamente "materno" e socializante. Através dele se estrutura a personalidade capaz de pensamento/expressão/acção ao longo de todo o percurso da vida.

*G. C. S.: Há alguma relação entre a palavra e o número?*

T. V.: Digamos que o número é um subconjunto do conjunto da linguagem: nem todas as palavras são numéricas, mas todos os números "são" palavras...

Palavras que nomeiam realidades concretas da vida quotidiana, no caso dos números naturais, por exemplo; palavras que designam conceitos com maior grau de abstracção ou de realidade imaginada, no caso dos números racionais, infinitos, transfinitos, complexos...

De resto a matemática é uma LINGUAGEM: uma segunda língua (ou meta-linguagem) que desde muito cedo se vem a acrescentar à linguagem materna (ou natural). Esta segunda língua visa uma vasta comunicação humana, centrada num rigor universalizante e colectivamente aceite como caminho de entendimento recíproco/benéfico/eficaz entre os povos que se inter-relacionam em todo o planeta.

*G. C. S.: No seu livro "A palavra e a pedra" (Lisboa, 1993) há a tentativa de unir poesia e pintura. Isto é uma revitalização renascentista, aonde uma e outra coisa eram consideradas se não a mesma, próximas? Você observa alguma convergência?*

T. V.: Ao ilustrar com palavras as imagens que desnei no livro "A palavra e a pedra", não pretendi unir poesia e pintura. Procurei simplesmente usar uma linguagem susceptível de aflorar o mistério das imagens ancestrais que comungam de uma imensa e desconhecida pluralidade de sentidos.

Ao tentar partilhar minha compreensão desse universo i-revelado, foi a linguagem poética que surgiu como a mais adequada forma de abordagem expressiva.

Num primeiro tempo, limitei-me a "escutar", a interrogar, a penetrar silenciosamente estas linhas geométricas que, nascidas numa cultura milenar, me ofereciam campos de intuição/associação extraordinariamente provocantes e apelativos. Só num segundo tempo emergi desta contempla-

ção silenciosa e redigi - a maneira de legendas - os breves textos que pus em correspondência com cada uma das formas gráficas em questão. É neste sentido que "A palavra e a pedra" não é um livro de textos ilustrados por imagens, mas uma recolha de imagens ilustradas através de textos.

*G. C. S.: Poesia e pintura... palavra e imagem... Isso me faz lembrar que Leonardo da Vinci sentia-se em condições de se expressar melhor pelo desenho do que pelas palavras. Ao lado de um de seus desenhos, nos cadernos de anatomia, ele escreve: "Ó escritor, com que letras conseguirias relatar a perfeição deste conjunto expresso aqui pelo desenho?" No seu caso Tereza, em que grau a exatidão do traço geométrico determina a sua concepção poética?*

T. V.: Há uma harmonia estética no traço, na linha, no segmento, na curva, no recorte das fronteiras entre porções no espaço, nas margens de intersecção ou disjunção entre sombras e claridades.

Tanto os matemáticos como os arquitetos ou os artistas sentem esta sedução geométrica, espacial e gráfica, que reconhecemos e nos re-conhece ao desenhar-se diante dos nossos olhos atentos.

Nela se unem a visualidade da forma e a visualidade da palavra que tenta devolver a evidência da beleza. Para mim é um caminho de inteligente e afetuosa CO-MOÇÃO, simultaneamente no sentido literal, racional e emotivo...

*G. C. S.: Como você descreve o seu processo criativo?*

T. V.: Eu não saberia descrever o meu processo criativo, na medida em que creio ser ele que me descreve a mim!

Freqüentemente passa por um lento marulhar subterrâneo de impulsos, enraizados em zonas de mim que desconheço. E de repente a sua invisível maturação torna-se tão acabada, tão real e tão urgente que me obriga a parar, exigindo a minha atenção inteira/visceral; começa então a fase em que tenta executar a visibilidade da(s) forma(s)

silenciosa e obscuramente pressentida até ali, à maneira de uma noite que desagua irremediavelmente em alvorada.

*G. C. S.: Que poetas continuam a lhe tocar fundo? E o que lhe diz a poesia?*

T. V.: Um dos poetas portugueses contemporâneos que mais me tocam é Herberto Helder.

Mas a força da linguagem poética é de tal modo avassaladora que raramente consigo ler mais do que algumas linhas de cada vez. Necessito de fechar o livro, deixando que a cachoeira de palavras recebidas ressoe dentro de mim e faça despertar o potencial máximo do apelo surpreendentes que suscita.

Mas para mim a poesia está longe de se limitar à palavra dos poetas. Por exemplo, olhar um jogo de luzes nos vidros de uma janela, ou perceber a misteriosa ternura de um animal que vem ao meu encontro, é bem mais importante do que visitar uma belíssima catedral ou ouvir um concerto...

A poesia, como qualquer outra forma de arte, produz "receptáculos do afecto": e eles estão em toda parte, libertos de qualquer discurso que sobre eles se pronuncie ulteriormente.

*G. C. S.: Do diálogo entre a lógica do divino (se é que podemos assim nomear) e a das ciências exatas, o que você ouviu? Há mística na matemática? E, se cabe a pergunta, que matemática está contida na metafísica?*

T. V.: Quando se fala do "divino", tenho sempre a sensação de que estamos a tocar o limite para além do que a palavra é supérflua. Assim, "lógica" e "irracionalidade", "física" e "metafísica", carecem de autêntico sentido neste contexto. É como se se diluíssem as fronteiras que demarcam as palavras (os conceitos) para surgir apenas a fusão (a com-fusão) que gera o inomeável.

Prefiro dizer que as ciências matemáticas facultam extraordinariamente instrumentos ao serviço da disciplina do espírito: pela concentração profunda que exige a sua aprendizagem; pela

intensidade do questionamento criativo que caracteriza a sua natureza abstrata; pela impecabilidade das vias de coerência que propõem; pela humildade que leva a rejeitar caminhos infecundos e a reacender a esperança de novos relativismos e interdependências; pela força e o rigor das codificações simbólicas que utilizam.

Vejo as ciências formalizadas como um potencial de crescimento humano integrado que desafia continuamente os próprios limites e finitudes do homem. E só nisto me parecem prepararem - analógica ou metaforicamente - o nosso envolvimento tateante no projecto de alargamento maximal da nossa consciência/transcendência.